

Fernando Pessoa

## **No limiar que não é meu**

No limiar que não é meu  
Sento-me e deixo o irreflectido olhar  
Encher-se, sem eu ver; de campo e céu.  
Se é tarde ou cedo, deixo de notar.  
Nada me diz de si qualquer coisa que eu  
Possa gozar.

Pelos campos sem fim  
Sinto correr, porque na face o sinto,  
Um vago vento, estranho todo a mim.  
Não sei se penso, ou em que dor consinto  
Que seja minha ou desespero sem ter fim,  
Ou se minto.

Na inútil hora  
Eu, mais inútil que ela, sem sentir  
Fito com um olhar que já nem chora  
A Dor ou desdém, dolo ou infiel sorrir,  
O absurdo céu onde nenhuma coisa mora  
Para eu fruir.

Apenas, vaga  
Não uma esperança, mas uma saudade  
Do tempo em que a esperança, como vaga,  
Dava na praia da minha ansiedade,  
Me toma e um surdo marulhar meu ser alaga  
De vacuidade.

Mas acordo e com vão  
Olhar ainda, mas já diferente,  
Por estar ausente dele o coração,

E eu outra vez, nem mesmo descontente,  
Fito o céu calmo, o campo, a alegre solidão  
Inconsciente.

Nada, só o dia  
— Se é tarde ou cedo continuo a errar —,  
Alheio a mim, a tudo dá a alegria  
De não ter coração com que agitar  
O corpo. E, quando vier a noite, tudo esfria  
Mas sem chorar.

Isto e eu comigo  
Posto no eterno aquém das coisas calmas  
Que a vida externa mostra ao céu amigo —  
Campos ao sol, vivas flores almas.  
Isto só e não ter o coração abrigo  
Nem sol as almas.

16-2-1920

**Novas Poesias Inéditas.** Fernando Pessoa. (Direcção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.) Lisboa: Ática, 1973 (4ª ed. 1993): 41.